

FRAMEWORKS

Claudia Segura e Luiza Teixeira de Freitas, 2013

Mais do que a utilização de convenções fixas, códigos e signos, *Frameworks* apresenta um compêndio de trabalho, que visa a criação de uma nova linguagem, a fim de revelar, produzir e atravessar caminhos onde a ilusão e a realidade constroem níveis e significados entrelaçados.

Através da relação entre arte e cinema, positivo e negativo, ilusão e construção física, entre o que está dentro e em redor da moldura, Sam Smith propõe novas formas de ver. Os seus jogos visuais emaranhados, desconstroem a tensão entre sujeito e objeto, movimento e imobilidade, verdade e invenção e por fim entre cinema e escultura. Por este motivo, estas obras sugerem um exercício de memória artístico, percepções cinematográficas e linguagem visual histórica.

O espanto que sentimos quando observamos os vídeos e as esculturas está relacionado com a discrepância entre as nossas expectativas e o resultado final das obras. Na verdade, é nesta linha delicada onde a intensidade de cada peça aparece que o nosso olhar é confrontado com a natureza do trabalho, despertando as nossas emoções e lógica.

Sam Smith parece aproximar obras vídeo e objetos como um meio potencial para redefinir suas fronteiras e abrir suas conotações. Num gesto conceitual o trabalho é transformado através de permutações que, eventualmente, lhe dá forma. Suas obras tornam-se polissémicas, e é precisamente esta polissemia que hipnotiza o espectador, tornando-o cúmplice da ambiguidade daquilo que vê. Como audiência e receptores da exposição, somos instados a questionar a nossa própria percepção do mundo para além dos limites normativos ditados pelo olho egocêntrico. *Frameworks* situa o público do outro lado do palco, apagando a cena e permitindo-nos ser um agente activo da experiência final.

Aqui, o público é um elemento necessário que indica e revela realidade, ao mesmo tempo que a constrói e mistifica. Numa onda dialética somos conduzidos dentro e fora da imagem, de uma reflexão para outra, saltando dentro e fora desta experiência expandida, estrutural e imaginária.

FRAMEWORKS

Claudia Segura and Luiza Teixeira de Freitas, 2013

More than employing fixed conventions, codes and signs, *Frameworks* presents a compendium of work, which aims to create a new language in order to reveal, produce and cross pathways where illusion and reality build strata and entwined meaning.

Through the relationship between art and film, positive and negative, illusion and physical construction, between what lies in and around the frame, Smith proposes new ways of seeing. His tangled visual games deconstruct the tension between subject and object, movement and stillness, truth and invention and ultimately cinema and sculpture. Therefore, the artworks call for an exercise in artistic memory, cinematographic perceptions and historical visual language.

The astonishment we feel at observing the videos and sculptures is related to the discrepancy between our given expectations and the final outcome of the piece. It is indeed in this delicate line where the intensity of each piece appears, where our gaze is confronted with the nature of the work, awaking our emotions and logic.

Smith seems to approach video and objects as a potential medium with which to redefine their borders and open up their connotations. In a conceptual gesture his works are transformed from one thing to another through permutations that eventually shape them. His artworks become polysemous, and it is precisely this polysemy that hypnotises the viewer, turning them into an accomplice to the ambiguity of what is seen. As audience and receptors of the exhibition, we are urged to question our own perception of the world beyond the normative limits dictated by the egocentric eye. *Frameworks* locates its public on the other side of the stage, erasing the scene and allowing us to be an active agent of the final experience.

Here, the public is a necessary element that indicates and reveals reality at the same time as constructing and mystifying it. In a dialectic swell we are driven inside and outside the image, from one reflection to another, jumping in and out from this expanded structural yet imaginary experiment.